

RESENHA | PHOTOGRAPHY IN PORTUGUESE COLONIAL AFRICA, 1860–1975

Idelson Office*

Daniel Martins**

O livro *Photography in Portuguese Colonial Africa, 1860–1975* reúne 16 capítulos que analisam criticamente o papel da fotografia nos territórios africanos colonizados por Portugal entre o final do século XIX e os anos de 1970. A obra examina como a imagem fotográfica foi utilizada como instrumento de construção do domínio colonial, mas também como espaço de resistência e reapropriação por sujeitos africanos (Vicente; Ramos, 2023). A partir de uma abordagem multidisciplinar, os autores exploram as interações entre ciência, etnografia, propaganda, guerra e memória visual em colônias como Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Trata-se de um estudo fundamental para investigações que articulam visualidade, identidade e poder, sobretudo no contexto da memória colonial em Moçambique.

Para além de sua relevância empírica, a obra destaca-se por contribuir para o amadurecimento dos estudos sobre cultura visual no espaço lusófono, um campo ainda marcado por assimetrias no acesso aos arquivos e na circulação do conhecimento. Ao reunir investigadores de diferentes áreas e proveniências institucionais, o livro constrói uma leitura plural da fotografia colonial, evitando interpretações homogêneas e evidenciando a diversidade de usos, contextos e sentidos atribuídos às imagens ao longo do período colonial português. Tal abordagem reforça o caráter crítico da obra e sua pertinência para pesquisas contemporâneas sobre colonialidade e memória.

* Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC/UESB/ODEERE), vinculado à linha Etnicidade, Memória e Educação. Graduado em Cinema e Audiovisual pelo Instituto Superior de Artes e Cultura (ISArC), onde atua como professor universitário no curso de Cinema e Audiovisual. E-mail: idelsonoffice@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-1960-6083>

** Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutor em Estudos Latino-americanos (Antropologia) pela Universidade de Salamanca e doutor em Educação pela Universidade de Burgos, com pós-doutorados em História Indígena, Interculturalidade e Direitos Humanos. É professor e orientador em programas de pós-graduação no Brasil e na Espanha. E-mail: jffadelino@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0777-9750>

A obra está estruturada em três partes principais. Na primeira, intitulada *Ciência, Conhecimento e Controle*, a fotografia é analisada como ferramenta de legitimação científica e racial do colonialismo. Estudos botânicos, missões antropológicas e levantamentos etnográficos são discutidos enquanto dispositivos de produção e controle do saber sobre os corpos e territórios africanos. Esses registros, frequentemente associados a uma suposta objetividade científica, contribuíram para a fixação de estereótipos étnicos e para a consolidação de uma visão eurocêntrica sobre os povos colonizados (Vicente; Ramos, 2023). A fotografia surge, assim, como tecnologia central na construção de hierarquias raciais e na naturalização das desigualdades coloniais.

Na segunda parte, *Exibição e Propaganda*, os capítulos discutem o uso da fotografia em revistas, exposições coloniais e arquivos oficiais com o objetivo de promover a imagem do império português como benevolente e civilizador. A obra evidencia que Moçambique foi recorrentemente representado por imagens que enfatizavam a submissão dos chamados “tipos nativos” e a produtividade do território, ocultando os mecanismos de exploração, repressão e racismo estrutural. O uso sistemático de imagens em postais coloniais e álbuns oficiais contribuiu para a construção de uma memória pública idealizada da presença portuguesa em África (Vicente; Ramos, 2023), reforçando uma narrativa que apagava conflitos, violências e resistências.

A terceira parte, *Conflito, Guerra e Resistência*, analisa a presença da fotografia no contexto das lutas de libertação africanas, com destaque para a década de 1960. Os autores investigam tanto o uso de imagens por militares portugueses, que enquadravam os movimentos independentistas como ameaça à ordem colonial, quanto a apropriação da fotografia por agentes africanos como forma de afirmação identitária e contestação política. Este segmento evidencia o papel central dos arquivos e da memória visual no pós-independência, revelando a complexa relação entre imagens coloniais herdadas e os processos contemporâneos de reconstrução histórica.

Ao relacionar a fotografia colonial portuguesa às dinâmicas de produção da memória e da identidade étnica, a obra oferece subsídios importantes para pesquisas que investigam a memória da colonização em Moçambique. As imagens analisadas revelam como a identidade étnica moçambicana foi enquadrada visualmente sob a lógica do poder colonial e como esses enquadramentos continuam a produzir efeitos no presente. O livro propõe, assim, uma leitura crítica dos acervos fotográficos, compreendendo os arquivos como espaços de disputa de narrativas históricas e de reinterpretação do passado.

A fotografia, enquanto tecnologia de representação visual, cumpriu um papel determinante na consolidação do ideário colonial em Moçambique. A obra demonstra que a estética e a composição das imagens produzidas pelos colonizadores possuíam uma intencionalidade política clara: fixar diferenças raciais e culturais entre colonizadores e colonizados. Dessa forma, a fotografia operava como ferramenta de poder simbólico, contribuindo para a construção de um imaginário de inferiorização das populações negras e, em particular, dos grupos étnicos moçambicanos.

Importa destacar que a obra não se limita a identificar a fotografia como instrumento de dominação, mas insiste na ambivalência dessa tecnologia, reconhecendo suas fissuras e contradições. Em diversos capítulos, a imagem aparece como espaço de negociação simbólica, no qual sujeitos africanos, mesmo sob forte

coerção colonial, produziam gestos, olhares e performances que escapavam parcialmente ao controle do fotógrafo e da instituição colonial. Essa leitura contribui para deslocar visões deterministas e reafirma a necessidade de uma análise atenta às condições de produção, circulação e recepção das imagens.

Outro aspecto relevante abordado no livro refere-se ao uso da fotografia na documentação do trabalho forçado, no controle dos corpos e nos registos policiais, evidenciando uma dimensão de vigilância e punição. Essa relação entre imagem, disciplina e controle aproxima-se das reflexões de Michel Foucault sobre os regimes de visibilidade no poder moderno (Foucault, 1975), permitindo aplicar esse referencial ao contexto colonial português.

No que diz respeito aos arquivos, os organizadores destacam que grande parte do legado fotográfico colonial encontra-se atualmente sob custódia de instituições portuguesas, como arquivos militares, museus e bibliotecas, o que suscita debates sobre propriedade, acesso e autoridade narrativa dessas imagens. Paralelamente, a obra evidencia iniciativas de retomada e reinterpretação desses acervos por artistas, historiadores e curadores africanos, que ressignificam tais registos em práticas museológicas e artísticas contemporâneas.

O livro também possibilita estabelecer diálogos transatlânticos com o Brasil, uma vez que a construção da imagem do negro na fotografia colonial portuguesa apresenta similitudes com os processos de racialização e invisibilização vivenciados por populações afrodescendentes no contexto brasileiro. Nesse sentido, a obra amplia seu alcance analítico, contribuindo para reflexões comparativas sobre memória, imagem e colonialidade no espaço lusófono.

Do ponto de vista epistemológico, a obra também contribui para repensar os modos de produção do conhecimento histórico a partir da imagem, questionando a centralidade do texto escrito como fonte privilegiada. Ao tratar a fotografia como documento e, simultaneamente, como construção simbólica, o livro evidencia os limites e as potencialidades da imagem enquanto fonte histórica. Essa abordagem incentiva leituras críticas que consideram não apenas o que é visível, mas também aquilo que foi silenciado, omitido ou enquadrado pelas lentes coloniais, reforçando a necessidade de metodologias sensíveis às camadas de poder inscritas nos arquivos visuais. Nesse sentido, a obra reafirma a centralidade da imagem como campo legítimo de investigação histórica e cultural no contexto pós-colonial.

Em síntese, *Photography in Portuguese Colonial Africa, 1860–1975* constitui uma obra essencial para pensar criticamente o papel da fotografia na construção da colonialidade visual em Moçambique. Ao recuperar, analisar e problematizar os usos da imagem no contexto colonial, o livro contribui para a desestabilização de narrativas hegemônicas e abre espaço para que outras histórias possam ser contadas, agora a partir das vozes, dos arquivos e das experiências dos sujeitos historicamente silenciados.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- VICENTE, Filipa Lowndes; RAMOS, Afonso Dias (Org.). **Photography in Portuguese Colonial Africa, 1860–1975**. Cham: Palgrave Macmillan, 2023.

